

EDITORIAL

Fernanda Lemos*

Gênero, religião e perspectivas históricas Algumas obras relevantes para a história das mulheres e, conseqüentemente, para a história dos homens apresentam-se como instrumentos de singular importância para a análise das relações de gênero. O livro *negro da condição das mulheres* (2011), organizado por Christine Ockrent e Sandrine Treiner, reúne pesquisas que problematizam a (ainda) precária condição de mulheres na modernidade. Nessa obra, discutem que muito – no que se refere ao direito das mulheres – transformou-se na modernidade, entretanto, problemas, como HIV, Aids, mutilação sexual, casamento forçado, infanticídio feminino, escravidão moderna, sequestros, crimes de guerra, tráfico humano e feminicídio, ainda são processos presentes na contemporaneidade (OCKRENT; TREINER, 2011). Na mesma linha de pensamento, Michelle Perrot (2005), em *As mulheres ou os silêncios da história*, indaga se realmente “o barulho” realizado por mulheres contemporâneas são capazes de equalizar – em tão pouco tempo – o longo e duradouro processo de silêncio pelo qual foram submetidas na história.

Há pouco mais de uma década, mais especificamente no ano 2001, a Revista Mandrágora publicava sua sétima edição intitulada *História, gênero e religião*. Nessa obra, os artigos versavam sobre o processo de silenciamento histórico de mulheres, principalmente em religiões de tradição judaico-cristã. Nessa ocasião, dois elementos destacavam-se: o controle do discurso histórico que privilegiava a hegemonia masculina; e seu conseqüente processo de ocultamento das mulheres. No ano de 2013, a questão histórica ressurgiu no diálogo entre “gênero e religião”, como um refluxo necessário à problematização da temática já discutida

* É Mestre e Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Atualmente, é Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É Professora Adjunta do Departamento de Ciências das Religiões da UFPB. E-mail: fernandaufpb@yahoo.com.br.

há uma década. Mais de dez anos se passaram, e o que observamos é uma tímida transformação da história das mulheres e das relações sociais de sexo. O problema continua o mesmo, porém, multifacetado, se considerarmos que o resgate das mulheres na história tem sido realizado, o que, a princípio, até poderia superar – em certo sentido – algumas diferenças de gênero. Observa-se que, mesmo diante da tentativa de protagonização dos “excluídos da história”, problemas, como violência doméstica, divisão sexual do trabalho e falta de isonomia salarial em detrimento das representações de gênero, ainda compõem o cenário sociocultural da modernidade.

Nesse sentido, a Revista *Mandrágora Gênero, religião e perspectivas históricas*, em sua 19ª edição, terá como objetivo principal reunir pesquisas sobre as relações sociais de sexo em diálogo com a religião, em suas múltiplas e diversas perspectivas históricas. A grande temática eleita – história – contribuirá como uma ferramenta singular na análise da relação religião e gênero, tanto os conceitos quanto os métodos. A seleção dos artigos, dos articulistas e das instituições de [quase] todas as regiões do Brasil desembocou em uma brilhante pluralidade temática da revista. Os artigos, por sua vez, acompanharam características espelhadas na multiplicidade geográfica, característica desta edição de *Mandrágora*, o que culminou em diferentes perspectivas históricas do campo religioso e de suas permeabilidades de gênero.

Além disso, a beleza acadêmica com a qual se depara este número de *Mandrágora* respalda-se pela parceria entre dois Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião, de considerável relevância no contexto nacional da área: o PPGCR, da Universidade Metodista de São Paulo, e o PPGCR, da Universidade Federal da Paraíba, bem como os respectivos grupos de pesquisa: o Grupo de Estudos de Gênero e Religião *Mandrágora* / NETMAL e o Núcleo de Pesquisas Socioantropológicas da Religião e de Gênero – SOCIUS. Tal parceria tem como objetivo intercambiar e concretizar as relações acadêmicas entre os programas e seus grupos de pesquisa na promoção da pesquisa e do conhecimento sobre o campo religioso e suas interfaces de gênero.

¹ Termo utilizado por Michelle Perrot (2006) em sua obra “Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros”.

Maria Izilda Matos abre esta edição com o artigo "História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas" aceitando o desafio de sistematizar, por meio da construção de uma trajetória historiográfica, a *história das mulheres e das relações de gênero*. Emerson Roberto da Costa, em "Religiosidades em trânsito: as motivações declaradas por mulheres e homens para a mobilidade religiosa na IEAD-MSBC", apresenta-nos questões pertinentes à análise do trânsito religioso no âmbito da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, na cidade de São Bernardo do Campo, Estado de São Paulo. Nesse artigo, o autor analisa as implicações de gênero para ocorrência desse fenômeno contemporâneo. Sandra Duarte de Souza e Hugo Gonçalves de Freitas, em "Gênero e religião: o trânsito religioso de homens e mulheres metodistas na cidade de Volta Redonda, RJ", observam as relações entre gênero e religião a partir da configuração religiosa na modernidade seguindo a mesma perspectiva de Emerson Costa, porém, elegendo como campo de pesquisa a Igreja Metodista de Volta Redonda, no Rio de Janeiro. Analisa-se, nesse contexto, se as motivações para o trânsito religioso podem estar condicionadas ao grau de socialização das representações de gênero dos homens e das mulheres. Fernanda Lemos e Alana Simões Bezerra, no artigo intitulado "Gênero na lapinha: uma dança de tradição religiosa", analisam a história da lapinha observando as representações de gênero que permeiam essa dança de tradição religiosa, no contexto do Nordeste brasileiro, mais especificamente na cidade de João Pessoa, Paraíba. Ainda no âmbito nordestino, por meio do artigo intitulado "Relações de gênero na história da recepção: o olhar de Antônio Conselheiro sobre Maria das Dores", Carolina Teles Lemos e Danielle Ventura analisam como Antônio Conselheiro apropria-se do imaginário de Maria para discursar sobre a dimensão arquetipal que ela representa, um modelo a ser seguido por mulheres, tanto no que se refere à passividade quanto à resiliência ao sofrimento e à calamidade. Nilza Menezes, em "As tensões de gênero que permearam a trajetória histórica e as transformações ocorridas nas religiões afro-brasileiras em Porto Velho, Rondônia", observa, na cidade de Porto Velho, Rondônia, as tensões de gênero observadas no processo de masculinização do Templo de tradição Mina-Nagô, Barracão de Santa Bárbara. Ainda no Norte brasileiro, Emerson José Sena da Silveira e Dayana Dar'c da Silva, em "Mulher, magia e poder na Ilha de Colares, Pará", realizam uma investigação empírica sobre uma moradora

da Ilha de Colares – Dona Marina. Os autores observam que, se, por um lado, a violência simbólica é parte integrante da biografia dessa mulher, a magia, a cura e o conhecimento dos “segredos do mundo amazônico” imputaram-lhe autonomia e empoderamento. Direcionando nosso olhar para a Índia, Maria Lúcia Abaurre Gnerre, em seu artigo “Ascensão e decadência da Śakti: paradoxos do sagrado feminino entre a Índia medieval e a contemporaneidade”, apresenta-nos, em perspectiva de gênero, um panorama da história da Índia em associação ao tantrismo revelando-nos um paradoxo entre a exaltação do corpo sagrado feminino e a realidade social das “violentas” relações sociais de sexo na Índia contemporânea.

Esta edição de Mandrágora também é contemplada com duas resenhas. Eduardo Meinberg apresenta-nos o livro “História oral, feminismo e política” (2010), cuja autoria é de Daphne Patai e é considerado por Meinberg *“uma obra que pode instigar o pesquisador que trabalha com narrativas orais a (re)pensar alguns de seus procedimentos de pesquisa”*. Sílvia Andrade da Silveira apresenta-nos o livro “A violência de gênero nas religiões afro-brasileiras” (2012), cuja autoria é de Nilza Menezes. Segundo Silveira, *“Menezes inaugura o estudo da relação entre violência de gênero e tradição afro-brasileira, revelando aí uma flexibilização em relação à sexualidade, ainda desfavorecendo a mulher na relação social entre os sexos...”*.

E, por fim, este número de Mandrágora é brindado com uma conversa altamente provocativa que tive com Joan Wallach Scott. Sua presteza na aceitabilidade dessa entrevista impressionou-nos por três motivos: por sua competência como historiadora em estudos que relacionam “gênero e história”; pelo consenso no meio acadêmico – quase que geral – em sua indicação como precursora de tais estudos; e pelo caráter altamente provocativo de suas respostas, momento em que me senti muito confrontada e levada a perceber que as “respostas prontas” que buscava da brilhante historiadora de gênero, na verdade, foram problematizações.

Cabe-nos (re)pensar os estudos de gênero, de religião e de suas variabilidades históricas. Uma história que categoriza sujeitos como universais não dá conta – em termos metodológicos e políticos – de analisar as complexas relações que envolvem gênero e religião.

Prazerosa leitura!